

BETAR & ARTES & LETRAS

#99 | JULHO/AGOSTO | 2018

verão

festivais para
todos os gostos

B
Betar



**Há 45 anos
na vanguarda
da engenharia**



FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Cá está o tão desejado Verão! Estação ideal para aproveitar o que Portugal tem de melhor, com praia e esplanada à mistura, e passagem por algum dos muitos concertos ao ar livre, com música para todos os gostos. No que respeita a festivais de verão, pode escolher entre mais clássicos, como o Festival ao Largo ou o EDP Cool Jazz Fest, ou mais alternativos, como o Nos Alive ou o Vodafone Paredes de Coura.

Nas artes plásticas, sugerimos a mostra “Pós-Pop”, patente na Gulbenkian, e no teatro as peças “1936, o Ano da Morte de Ricardo Reis”, em cena n’A Barraca, e “Pela Água”, no palco do Teatro Aberto. Em destaque também está o Festival de Curtas de Vila do Conde, um dos festivais internacionais de cinema mais importantes do país.

Sendo um mês de eleição para passar muito tempo fora de casa, é porventura quando melhor se sente e aprecia a importância da qualidade da intervenção humana nesse “espaço” que é o exterior. É, assim, a altura ideal para voltarmos ao Promontório, desta vez conversar com o seu diretor do departamento de Paisagismo, o Arquiteto Paisagista Paulo Pereira, que nos dará a conhecer um pouco do que é o seu trabalho. Dessa mesma equipa Promontório, conheceremos a intervenção efectuada na frente ribeirinha de Alcácer do Sal, um excelente exemplo do que é pensar o exterior.

EDITORIAL

José Ferreira

edítor

BETAR

A requalificação urbana da frente ribeirinha de Alcácer do Sal envolveu uma intervenção profunda através de desenhos urbano e paisagístico



A

A Requalificação Urbana do Espaço Público da Margem Norte do Rio Sado, em Alcácer do Sal, abrange a frente ribeirinha compreendida entre os edifícios na primeira linha e o muro que ladeia o rio, correspondendo a uma área de 34000m². A presente intervenção, obedecendo ao desenho urbano e paisagístico da proposta, envolve trabalhos multidisciplinares de remodelação das infra-estruturas existentes e novas estruturas públicas, incluindo edificações, espalhadas ao longo de toda a zona de intervenção, como: Parques de Estacionamento; Edifício do Turismo/Artesanato; Pérgolas para Esplanadas; Conjunto de 5 Totens destinados a Arte Urbana e Parque Infantil. Relativamente às infraestruturas de abastecimento de água, previu-se a substituição integral de toda a rede da zona de intervenção, com a separação das redes doméstica e pluvial, alterando a situação atual de descarga das águas domésticas no rio.

Requalificação Urbana da frente ribeirinha de Alcácer do Sal

Projeto e obra: 2010
Dono de obra:
Câmara Municipal de Alcácer do Sal
Especialidades:
Fundações e Estruturas;
Infra-estruturas de Águas e Esgotos

À CONVERSA COM

Paulo Pereira

“Seria muito importante o arquiteto paisagista ter uma voz mais ativa e [deixasse de persistir] a ideia de que só vem a seguir ‘pôr as flores’”



Em que consiste o seu trabalho, em termos de processo?

O trabalho do arquiteto paisagista tem sempre de ser visto como um trabalho de equipa, e nesse aspeto, ter integrado uma equipa como o Promontório trouxe-me facilidade no processo de trabalho, porque estou presente desde a génese de cada projeto e em contacto permanente com a equipa de arquitetura. Foi-me dada a oportunidade de construir uma equipa sólida de arquitetos paisagistas e qualquer projeto é resultado de uma interação muito interessante entre nós e os arquitetos. Por outro lado, trabalhar numa estrutura multidisciplinar permite uma fluidez de comunicação que se reflete no desenvolvimento do projeto e que é diferente de estar cada um a trabalhar no seu espaço individual. Ainda que eu tenha um interesse enorme por arquitetura e perceba o ponto de vista dos meus colegas arquitetos, a minha visão enquanto arquiteto paisagista acaba, muitas vezes, por ser diferente e isso gera discussão, que é sempre uma mais valia para o desenvolvimento de cada projeto.

De que forma a arquitetura paisagista permite obter soluções de sustentabilidade e equilíbrio entre homem e meio ambiente?

A formação do arquiteto paisagista é muito abrangente o que nos permite desenvolver uma visão e sensibilidade sobre o território, que em conjunto com os aspetos técnicos que vão desde a geografia, hidrologia, ecologia, botânica, construção civil, etc, a par de uma

visão arquitetónica, mais relacionada com o desenho do espaço, nos dá uma perspetiva muito abrangente e uma visão que contemple todos os conceitos de sustentabilidade e de equilíbrio do homem com o meio ambiente. Infelizmente no mercado de trabalho nem sempre nos é dada a possibilidade de participar desde a génese do projeto e persiste ainda, em muitos meios decisores e corpos técnicos, a ideia de que o arquiteto paisagista vem a seguir “pôr as flores”. Lembro-me de um dos primeiros projetos em que colaborei, que foi um misto de indignação e revolta. Era um projeto para uma linha de água na Ilha da Madeira, onde a equipa de arquitetura paisagista foi chamada para fazer as plantações, como se de uma operação de cosmética se tratasse. O projeto de arquitetura já estava desenvolvido, os edifícios implantados em sítios completamente errados e lembro-me que discordava em absoluto das opções do projeto hidráulico... enfim, já não havia nada a fazer. Ao arquiteto paisagista só se pedia um plano de plantaçãopara ficar bonito no dia da inauguração. Poucos anos depois, ocorreram umas cheias na Madeira e as construções desse projeto foram fortemente afetadas. É a segurança pública que é posta em causa, para não falar do dinheiro público gasto. Seria muito importante o arquiteto paisagista ter uma voz mais ativa e ser ouvido de antemão.

A arquitetura paisagista é cada vez mais reconhecida pelas entidades que dirigem as



Frente Ribeirinha Norte da Cidade de Alcaicer-do-Sal

idades ou ainda há muito a fazer a esse nível?

Um longo caminho foi já percorrido desde a primeira geração de arquitetos paisagistas. Muito devemos a profissionais como o Prof. Francisco Caldeira Cabral, Álvaro Ponce Dentinho, António Viana Barreto, Gonçalo Ribeiro Telles, entre outros. Apesar disso, temos ainda um longo caminho a percorrer nesse reconhecimento. O arquiteto paisagista tem de ser chamado por se perceber a real importância da disciplina enquanto especialidade que concentra um saber que diz respeito à inter-relação das diferentes partes do projeto com a paisagem e não para cumprir mais um requisito imposto pela legislação. O facto de não termos uma ordem profissional é uma luta que a APAP (Associação Portuguesa de Arquitetos Paisagistas) tem há anos. Há uma petição aberta para que se corrija esta situação e a Assembleia da República tome a iniciativa legislativa de aprovar a criação da Ordem dos Arquitetos Paisagistas ou autorize o governo a legislar sobre esta

matéria. Caso algum dos leitores esteja interessado poderá assiná-la no site da APAP.

Que diferença encontra no modo de fazer o seu trabalho entre Portugal e os outros países onde já desenvolveu projetos?

Para além das características biofísicas específicas de cada sítio, que determinam a matriz do nosso trabalho, o maior desafio é compreender as especificidades culturais de cada sítio, em primeiro para perceber o modo de como fazer, mas sobretudo para perceber como é que a sociedade para que estamos a trabalhar se relaciona e vive o espaço exterior e conseqüentemente os espaços que vamos criar. Desenvolver um projeto para Moçambique é completamente diferente de fazer o mesmo tipo de projeto para a Arábia Saudita, para a Rússia ou para o Vietname, e não tem só a ver com o facto de um ficar no deserto, o outro na sibéria e o outro nos trópicos, vai muito para além disso, pois há todo um legado socioeconómico/cultural que terá de ser previamente analisado e contextualizado.

SUGESTÕES

ARTES



Exposição Pós-Pop: desvios da Pop em Portugal e Inglaterra, 1965-1975

Esta exposição apresenta obras produzidas entre 1965 e 1975, em Portugal e Inglaterra. Em algumas delas, nota-se uma unidade que tem a ver com a divergência bem-humorada em relação ao lugar-comum proposto pela Pop Art. Apresentam-se algumas obras de artistas ingleses, com um notório desvio da Pop – Bernard Cohen, Tom Phillips, Jeremy Moon, Allen Jones, entre outros –, a par com um maior número de obras de artistas portugueses como Teresa Magalhães, Ruy Leitão, Eduardo Batarda, Menez, Nikias Skapinakis, Fátima Vaz, Clara Menéres, João Cutileiro, José de Guimarães, entre muitos outros.

ATÉ 10 DE SETEMBRO

Fundação Calouste Gulbenkian

TEATRO

1936, o Ano da Morte de Ricardo Reis

Nesta peça, Fernando Pessoa surge como um defunto livre, com humor surpreendente, ingénuo e infantil. Brincalhão, perturba o sono de Ricardo Reis, o seu heterónimo clássico. “Conseguirei ser um Camões da modernidade, nos novos tempos? Trata-se de um encontro inquieto numa altura em que crescem na Europa todos os fascismos. A partir do romance de José Saramago, Helder Mateus da Costa coloca em cena, para além destes dois protagonistas, Lídia, a criada de hotel, e Marcenda, a ingénua romântica, num jogo assombroso entre o real e o fantástico. **ATÉ 29 DE JULHO**



Teatro Cinearte A Barraca
Encenação Helder Mateus da Costa
Interpretação Adérito Lopes, Ruben Garcia, Sónia Barradas, Rita Soares, João Maria Pinto, Samuel Moura, Sérgio Moras

Teatro, exposições e festivais de música e cinema ao ar livre compõem as páginas desta edição da Artes&Letras. Veja o que sugerimos para julho e agosto e aproveite



TEATRO

Pela Água

A partir de um texto inédito onde o autor explora a situação de encontro entre dois homens de gerações diferentes, amantes da mesma mulher. Um diálogo dominado pela paixão, pelo rancor, pela ausência que nos permite, simultaneamente, refletir sobre as realidades políticas e sociais que moldam as personagens e as suas escolhas. A quanto nos obriga o amor? Quanto o sacrificamos? Colaborando mais uma vez com o cenógrafo Rui Francisco, Tiago Torres da Silva pretende trabalhar as qualidades literárias do texto num palco transformado pela presença da água - um território a explorar por intérpretes e público. **ATÉ 20 DE JULHO**

Teatro Aberto
Encenação e Dramaturgia
Tiago Torres da Silva
Interpretação Fernando Luís, Miguel Nunes e Teresa Sobral

MÚSICA E DANÇA



NOS Alive

12, 13 E 14 DE JULHO, NO PARQUE MARÍTIMO DE ALGÉS

O conceituado Nos Alive traz este ano, na abertura, dia 12, Arctic Monkeys e Snow Patrol. No dia seguinte é a vez de Queens of the Stone Age, The National, Future Islands e Two Door Cinema Club animarem o recinto. A fechar, dia 14, atuam Pearl Jam e Franz Ferdinand.

EDP Cool Jazz Fest

11, 17, 18, 20, 26, 28 E 31 DE JULHO, NO HIPÓDROMO MANUEL POSSOLO E PARQUE MARECHAL CARMONA

Os nomes do Cool Jazz deixam vontade de aparecer. Dia 11 há David Byrne, a 17 Dead Combo, dia 18 Salvador Sobral, a 20 Gregory Porter, no dia 26 Jordan Rakei, a 28 Van Morrison e no final, dia 31 de julho, sobe ao palco Norah Jones.



Festival ao Largo

6 A 28 DE JULHO, NO LARGO DE SÃO CARLOS

Nesta edição a Orquestra Sinfónica Portuguesa celebra os seus 25 anos de atividade com quatro grandes concertos sinfónicos. O festival abre com “Carmina Burana” de Carl Orff; segue-se a “Quinta Sinfonia” de Tchaikovski e obras de Wagner, Bach e Strauss num evento recheado de grandes momentos.

Vodafone Paredes de Coura

15 A 18 DE AGOSTO, NA PRAIA FLUVIAL DO TABUÃO

Uma das melhores bandas ao vivo, e depois de um enorme concerto no Campo Pequeno, os Arcade Fire atuam no encerramento da 26ª edição do Vodafone Paredes de Coura (18). Os canadianos juntam-se aos já confirmados Big Thief (15), Fleet Foxes (16), Skepta, Curtis Harding e And You Will Know Us By The Trail Of Dead (17).



CINEMA

Curtas Vila do Conde



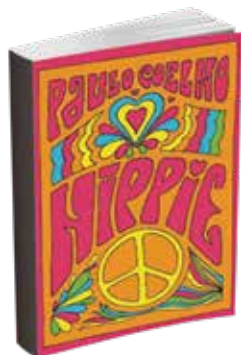
Festival internacional de cinema, volta a ocupar a cidade do norte litoral com um programa diversificado que cruzará o cinema, a música e as artes visuais. Além das Competições Nacional e Internacional de curtas-metragens haverá, como sempre, tempo e espaço para as longas-metragens no âmbito da secção “Da Curta à Longa”, que apresentará um conjunto de filmes realizados por cineastas prestigiados. Uma das novidades para esta 26ª edição passa pelo alargamento da competição Take One!, dedicada a filmes de escola, a um contexto internacional. Assim, o Curtas Vila do Conde irá receber a concurso, pela primeira vez, curtas-metragens realizadas por estudantes de seis países da Europa, para além de Portugal. Para os mais novos, o festival prepara anualmente a secção Curtinhas, que inclui filmes dirigidos a crianças maiores de 3, 6 e 9 anos. Atento às vanguardas e às ramificações cinemáticas, o festival aposta no cinema experimental e nos vídeos-musicais. Por fim, a Solar - Galeria de Arte Cinemática será o epicentro de um programa que cruzará os mundos do cinema e das artes visuais.

DE 14 A 22 DE JULHO

PARA LER

Fredrik Backman A minha avó pede desculpa

Elsa tem sete anos e é diferente. Para já, tem como melhor, e única, amiga a avó de setenta e sete anos, que é doida: não levemente taralhoca, mas doida varrida a sério, capaz de se pôr à varanda a tentar atingir pessoas que querem falar sobre Jesus com uma arma de paintball, ou assaltar um jardim zoológico porque a neta está triste. Todas as noites, Elsa refugia-se nas histórias da Avozinha, cujo cenário é o reino de Miamas, na Terra-de-Quase-Acordar, um reino mágico onde o normal é ser diferente. Segundo a crítica, é um livro muito comovente, tal como as personagens que o compõem e além disso com uma mensagem especial: todas as pessoas são únicas e maravilhosas, cada uma à sua maneira.



Paulo Coelho Hippie

Paulo é um jovem que quer ser escritor. Deixa crescer o cabelo e parte numa viagem pelo mundo em busca da liberdade e do significado mais profundo da existência. Uma jornada que vai desde a prisão como terrorista pela ditadura militar brasileira, em 1970, enquanto viaja pela América do Sul, até ao encontro com Karla, em Amsterdão, e a decisão de partirem juntos para o Nepal no Magic Bus. No caminho, os companheiros que vivem uma extraordinária história de amor também passam por transformações profundas e abraçam novos valores para as suas vidas. A época em que o lema era “sexo, drogas e rock’n roll” é o tema do livro e a história é narrada na terceira pessoa, mas o protagonista é o próprio autor, que nos leva a reviver o sonho transformador e pacifista da geração hippie.



Gato Preto Gato Branco Emir Kusturica

Se há filme que para mim se pode chamar “de culto”, é este. E não, não tem efeitos especiais, não tem estrelas de Hollywood, não tem grandes planos de cenários paradisíacos e nem sequer conseguiríamos compreender minimamente o filme sem legendas, ou não fosse falado em sérvio. Conheci esta comédia ainda criança, quando o meu irmão mais velho o alugou no videoclube (ainda existe isso?), e vi-o 4 ou 5 vezes desde então. Não cansa rever, coisa rara no cinema. O filme conta a história de um grupo de ciganos que vive junto ao rio Danúbio e que sobrevive à conta de negócios ilegais. Tudo corre mal quando Matko, o pai, seguro de que faria a falcatura da sua vida – desviar um comboio de transporte de gasolina – é traído pelo mafioso Dadan, a quem pediu apoio financeiro para ter sucesso no assalto. Sem dinheiro e sem gasolina, resta-lhe a hipótese de casar o seu filho com a problemática irmã de Dadan, mas os jovens tudo farão para evitar que isso aconteça. Diria que mesmo melhor que a trama, é a banda sonora. Emir Kusturica, o realizador, é também um fervoroso compositor e intérprete na sua banda Emir Kusturica & The No Smoking Orchestra, um misto de música cigana, rock e loucura.

Um filme inesquecível
por José Ferreira

OPINIÃO

NO MUNDO



Florence and the Machine Bilbau BBK Live 2018, Espanha

Conhecida pela presença em palco esmagadora, Florence Welch já provou que é uma das melhores artistas da atualidade. Hoje soma vários prêmios e nomeações, bem como uma verdadeira legião de fãs. Com o nome artístico de Florence and The Machine, acompanhada pela sua banda, a cantora e compositora leva na bagagem todos os discos de estúdio que conquistaram o público e a crítica em poucos anos. **DE 12 A 14 DE JULHO**



Lisa Brice Tate Britain, Londres

Lisa Brice é uma artista sul-africana nascida em Londres. Em exibição na Tate pela primeira vez, o trabalho de Brice inclui pinturas novas e recentes em larga escala que abordam a antiga tradição histórico-artística do nu feminino. Apresentada ao lado de esboços, desenhos e estudos, as suas pinturas transformam temas femininos de pinturas históricas de arte e fotografias em novos ambientes, impregnando-os de um novo senso de autocontrole.

ATÉ 27 DE AGOSTO



Monet/Boudin Thyssen Bornemisza, Madrid

Esta exposição monográfica oferece aos visitantes a primeira oportunidade de descobrir as relações entre o grande pintor impressionista Claude Monet (Paris, 1840 - Giverny, 1926) e seu mestre Eugène Boudin (Honfleur, 1824 - Deauville, 1898). Esta apresentação conjunta dos seus trabalhos aborda os anos de formação de Monet e oferece uma visão das origens do movimento impressionista.

ATÉ 30 DE SETEMBRO

MOÇAMBIQUE



MÚSICA

M'vula Centro Cultural Franco-Moçambicano, Maputo

Os M'vula (expressão de origem africana que significa chuva ou tempestade) são uma banda angolana de rock, mais especificamente rap metal criada em 2008. A essência das suas músicas surge do contexto da própria sociedade em que está inserida e a vivência de cada elemento da banda resulta de uma fusão entre o Hip Hop e o Rock. Os M'vula foram nomeados e galardoados com o prêmio de melhor banda de Rock do continente Africano nos AFRIMA AWARDS 2015, e em 2016 foram nomeados em duas categorias "Best Rock Performance" e "SATA People's Choice Award" nos International Portuguese Music Awards (IPMA 2016). **DIA 12 DE JULHO**

ARTES

Relembrar: Mystery of foreign affairs Camões - Centro Cultural Português em Maputo e Fortaleza de Maputo

O ponto de partida desta exposição é uma reflexão sobre a vida entre culturas diferentes de vinte mil trabalhadores moçambicanos que trabalharam e moraram na República Democrática Alemã. São apresentadas obras de Jorge Dias, Maimuna Adam, Gemeuce, Dito Tembe, Luís Santos, Matias Ntundo, Iris Buchholz Chocolate, Edson Chagas e Katrin Michel. Através de diferentes meios, da instalação à pintura, passando pela escultura e vídeo, a exposição pretende contribuir para um trabalho de memória sobre o passado comum, bem como para uma reflexão sobre as relações atuais entre África e Europa. **ATÉ 27 DE JULHO**





**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

**Requalificação Urbana
da frente ribeirinha de Alcácer do Sal**